

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Por um UX Design fluído¹

Afetações a partir de debates em sala de aula para uma transição pluriversal do campo

Palavras-chave: UX design, Design Social, Contra-hegemônico.

Gabriel da Silva Trindade; Universidade Federal de Pernambuco;
Recife, Pernambuco, Brasil; gabriel.trindade@ufpe.br;

Elígia Filgueiras de Freitas; Universidade Federal de Pernambuco;
Recife, Pernambuco, Brasil; eligiafilgueiras@gmail.com.

1. Introdução

Somos Gabriel Trindade, graduado em Sistemas para Internet e graduando em Design na UFPE, e Elígia Filgueiras, graduada em Design Digital na UFC e mestranda em Design na UFPE. Neste trabalho, compartilhamos inquietações surgidas na disciplina de Design Social (2024.2), em que Gabriel foi aluno e Elígia estagiária docente. Partimos da provocação “Todo design é social?” para investigar relações entre design, responsabilidade social e práticas contra-hegemônicas. Trazemos também vivências no campo do Design de Experiência do Usuário (UX). A sala de aula, em formato circular, possibilitou a escuta e troca ativa, gerando um ambiente afetivo e crítico de aprendizagem.

O percurso combinou leitura, debate e projetos com o Centro Cultural Grupo Bongar (CCGB) do Quilombo Xambá. As leituras abordaram ontologias indígenas (Krenak, 2022), design sentipensante (Ibarra, 2020), racismo estrutural e decolonização (Tunstall, 2023), atencionalidade (Ingold, 2016) e pedagogia libertadora (Freire, 1983). Esses referenciais fundamentaram e transformaram a relação dos(as) estudantes com os projetos. A ideia de correspondência (Ingold, 2016; Ibarra, 2020) tornou-se chave para entender o design como prática relacional, atenta a territórios e modos de vida. O trabalho com o CCGB seguiu metodologias participativas e escuta ativa, valorizando saberes locais.

¹ Agradecemos à Cristina Ibarra que ministrou a disciplina de Design Social em 2024.2 na UFPE.

Refletimos sobre como DS pode repensar o UX. Em vez de recusar o sistema, buscamos tensioná-lo por dentro, disputando espaço entre a lógica mercadológica vertical e princípios de horizontalidade, pluralidade e ética relacional. Sustentar postura política e ética no design — especialmente no UX, instrumentalizado pelo capital — exige criticidade dentro do sistema. Defendemos redesenhar o UX a partir de uma perspectiva pluriversal, onde o compromisso ético sejam centrais, sem ignorar tensões da verticalização do campo.

2. Inquietações a partir da teoria

Nas últimas décadas, o UX Design tornou-se estratégico² na indústria digital, mediando relações entre tecnologia e experiências humanas e mais-que-humanas³ (Figura 1). Atua em áreas como pesquisa com usuários, arquitetura da informação, design de interação e visual, usabilidade e análise de dados, focando em eficiência, estética, usabilidade e inovação orientada por dados.

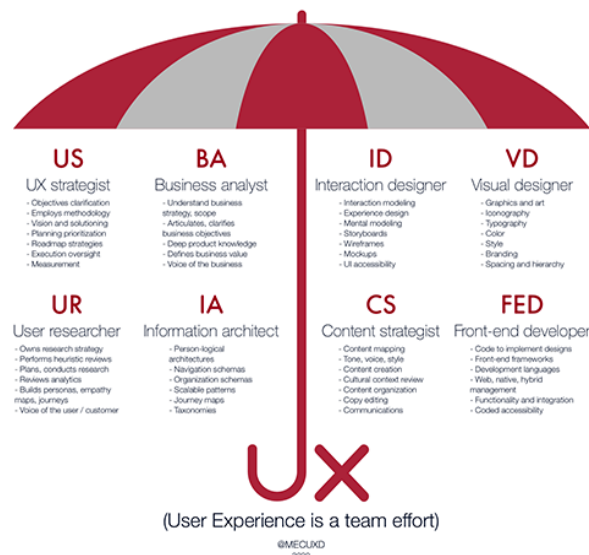


Figura 1 – Guarda-Chuva do UX Design
Fonte: Accurate Software (2021) adaptado pelos autores

² O retorno do Investimento em UX é significativo: <<https://medium.com/@andrecedaldi/roi-de-ux-a-argumentação-chave-para-defender-os-investimentos-em-pesquisa-e-discovery-dac1df9d668e>>

³ Como é trabalhado nas áreas de Interação Humano-Computador e Interação Animal-Computador.

Apesar de estratégico, o UX Design reproduz vieses e desigualdades. Casos de discriminação algorítmica revelam sua não neutralidade (Figura 2). Ainda assim, há quem atue com ética e criticidade, buscando transformação.

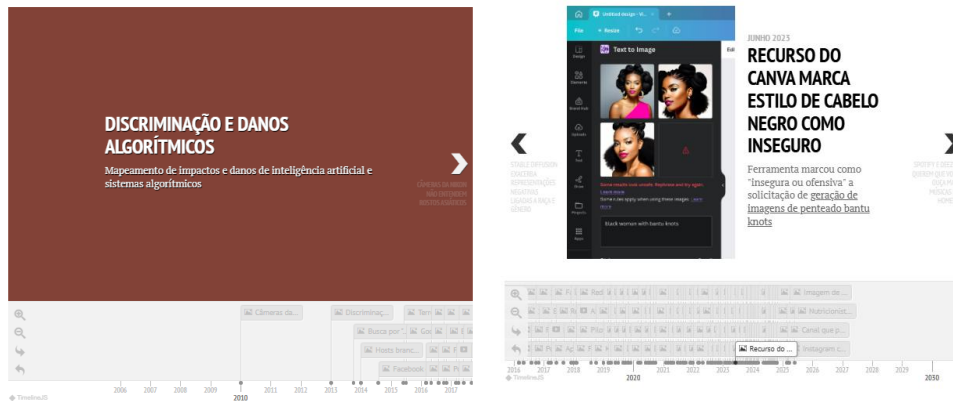


Figura 2 – Mapeamento Discriminação e danos algorítmicos
Fonte: Silva (2023)

O UX design revela contradições entre seu discurso inclusivo e práticas marcadas por uma lógica eurocêntrica, capitalista e tecnocrática. Métodos como o design *thinking* reforçam padrões coloniais ao padronizar experiências e silenciar saberes não hegemônicos. A persistência da colonialidade define quem é o “usuário ideal” e quais métodos são aceitos, perpetuando estruturas de poder. Para romper com esse modelo, é necessário incorporar epistemologias situadas e metodologias plurais. A teoria decolonial surge, assim, como ferramenta crítica e propositiva, capaz de reposicionar o UX em direção a práticas mais éticas, diversas e comprometidas com a justiça social.

Nesse contexto, as leituras da disciplina de DS ofereceram caminhos potentes de resistência e reinvenção. Ailton Krenak (2022) nos provoca a pensar que “o futuro é ancestral”, chamando atenção para os saberes apagados pela modernidade e sugerindo que o design deve se reorientar em relação aos territórios, aos rios, às existências plurais. O pensamento decolonial se fortalece também em autores como Ibarra (2020, 2023), que propõe o design sentipensante, sensível ao tempo, lugar e aos modos de vida, desafiando a separação entre razão e afeto, sujeito e objeto. Em diálogo com Freire (1983), o design

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

passa a ser entendido como práxis educativa e horizontal, onde o “usuário” não é objeto, mas sujeito de criação coletiva.

A partir de leituras e trocas, criamos propostas coletivas para descolonizar o design, com práticas situadas, ancestrais, afetivas e justas, guiadas por escuta, cuidado e interdependência. A partir disso, na aula que, eu Elégia, ministrei, construímos coletivamente em sala de aula ideias para descolonizar o design (Figura 3).



Figura 3 – Ideias para decolonizar o design

Fonte: Autora (2025)

Imaginar a decolonização do design em coletivo nos impulsiona a pensar um UX que atue como resistência, buscando horizontalizar o diálogo e coexistir em um mundo que abriga múltiplos mundos. A partir dessa visão, propomos um posicionamento crítico que reconhece os limites da utopia horizontal e aposta em um UX fluído — um fazer que não substitui a verticalidade do mercado por uma horizontalidade idealizada, mas que cria travessias críticas, reconhece assimetrias e aposta na coautoria e escuta situada como princípios éticos e projetuais. Guiados por DS, crítica decolonial e práticas participativas, refletimos sobre caminhos possíveis para um UX comprometido com a diversidade de saberes e com a construção de um pluriverso epistêmico.

3. De que forma podemos tensionar o campo de UX?

O UX, em expansão global, ainda carrega uma base epistemológica moldada por valores hegemônicos do mercado norte-americano (Cortês, Portinari, 2022). A busca por produtividade, eficiência e inovação acelera práticas que, embora se anunciem inclusivas, operam de forma excludente.

A ideia de “usuário ideal” (van Amstel, 2020), a padronização de processos (Cortês, Portinari, 2022) e a exportação de metodologias universalizadas revelam um campo permeado por lógicas de poder. Em vez de ampliar a escuta, projetos são direcionados por suposições homogêneas, reforçando estereótipos e invisibilizando sujeitos fora do perfil desejado. O que parece empatia funciona como exclusão.

3.1 A Verticalidade do UX

Mercadologicamente, até a escuta — princípio do design centrado no usuário (Lowdermilk, 2015) — é reduzida a etapas controladas, mantendo a lógica vertical onde poucos decidem e muitos executam. “Vertical” aqui, expressa hierarquia: quem está “em cima” domina, quem está “embaixo” executa. Essa estrutura reflete a colonialidade do poder (Quijano, 2005), que legitima a fala de profissionais e empresas, enquanto usuários e comunidades são instrumentalizados. A verticalidade é organizacional, epistêmica e política, definindo quem fala, escuta e o que vale saber, projetar e implementar.

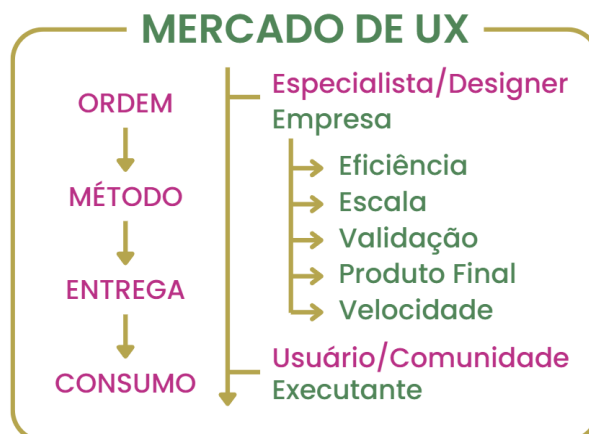


Figura 4 – Verticalização do Mercado de UX

Fonte: Autores (2025)

A figura 4, representa a estrutura de poder colonial ainda presente no UX, onde o saber legítimo está concentrado no topo, e as camadas abaixo são apenas receptoras, executoras, objetos de estudo. A linha é descendente, reforçando a lógica de que há uma única direção válida no processo: de quem projeta para quem usa.

3.2 A Horizontalidade do Pluriverso

Aqui, a teoria decolonial é um marco crítico fundamental. Embora o colonialismo formal tenha acabado, suas estruturas simbólicas e epistêmicas persistem via colonialidade, definindo o que é válido (Quijano, 2005). A proposta decolonial combate essas estruturas, propondo resistência ativa, atravessando modelos para novas formas de fazer baseadas em participação e reconhecimento. (Tunstall, 2023).

A horizontalidade, segundo Escobar (2014) e o pensamento decolonial latino-americano, é um plano ontológico compartilhado, marcado por vida, interdependência e coautoria. O pluriverso (Figura 5) é um campo onde diferentes mundos, saberes e modos de existir coexistem e se reconhecem mutuamente.



Figura 5 –Pluriverso e horizontalidade

Fonte: Autores (2025)

“Horizontal” significa planos no mesmo nível, sem centro, cúpula, onde ninguém está acima, mas ao lado. Essa horizontalidade relacional, territorial e de reexistência convida a ver o design não como intervenção, mas como cuidado — prática de mundo. Projetar horizontalmente é abandonar a lógica de “dar voz” para reconhecer que ela já existe, criando condições para múltiplos atores decidirem e construírem juntos.

3.3 Dando fluidez à verticalidade do mercado

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Entre a verticalidade dominante do mercado de UX e a horizontalidade do pluriverso, propomos uma metáfora: uma curva orgânica e múltipla (Figura 6), sem início ou fim, expressando fluxos vivos, negociações e tensões constantes. Essa ideia rompe com “projetar para” e avança para “projetar com” — vendo o usuário como sujeito ativo e coautor.

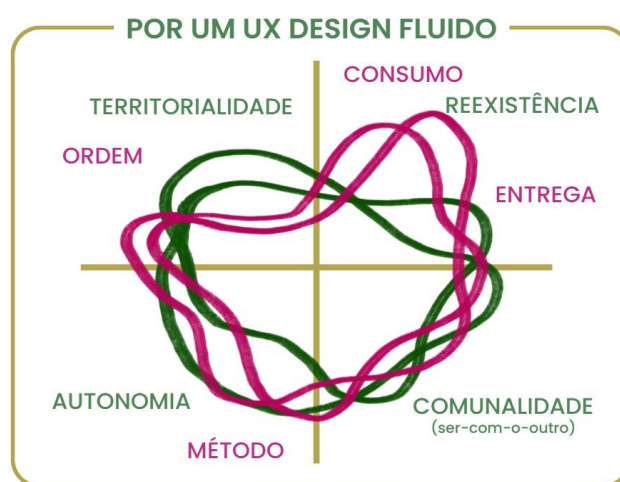


Figura 6 – UX Design fluído
Fonte: Autores (2025)

Defendemos que a prática de UX seja baseada em participação real, escuta situada e revisão crítica de métodos e objetivos, reconhecendo a complexidade dos contextos. Embora seja impossível horizontalizar totalmente um campo inserido em sistemas desiguais, é possível tensionar suas margens e propor alternativas.

4. Considerações

Este trabalho buscou tensionar as fronteiras do UX Design sem rejeitar suas contribuições históricas e metodológicas. Reconhecendo que o campo nasceu do compromisso com a experiência humana, mas se consolidou em matrizes epistemológicas hegemônicas, propomos repensar suas práticas à luz de perspectivas decoloniais e pluriversas. O desafio não é substituir a verticalidade pelo ideal horizontal, mas transitar organicamente entre essas dimensões, adaptando-se aos contextos e conectando modos diversos de saber e fazer.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

O UX fluído não é ruptura radical, mas deslocamento crítico: preservar o potente da tradição — atenção ao detalhe, pesquisa de campo, prototipagem iterativa — enquanto incorpora escuta situada, coautoria e reconhecimento das epistemologias locais. Não há modelo único ou linear, mas fluxos que se ajustam à realidade, território e demandas dos participantes.

Essa travessia envolve mais que metodologias: exige postura. Questionar ferramentas sem descartá-las, fomentar reflexão crítica em equipes multidisciplinares, usar inteligência artificial de modo ético e contextualizado, e adotar processos que favoreçam a participação real. Entre estrutura e fluidez, mercado e pluriverso, o UX pode se reinventar como prática ética, viva e situada, capaz de dialogar com a complexidade do mundo.

REFERÊNCIAS

ACCURATE. 2021. Disponível em: <https://blog.accurate.com.br/guarda-chuva-de-ux>. Acesso em: 18 jul 2025.

BUZON, Darin. Design thinking é um rebranding para a supremacia branca. 2020. Disponível em: <https://souzaeduardo.medium.com/design-thinking-é-um-rebranding-para-a-supremacia-branca-5839d772df51>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CÔRTEZ, Nina Reis; PORTINARI, Denise Berruezo. Por um design desacomodado: reflexões e análises do campo. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 57–75, 2022. DOI: 10.12957/arcosdesign.2022.67809. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/67809>. Acesso em: 8 ago. 2025.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana – UNAULA, 2014. (Colección Pensamiento Vivo). Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escops-unaula/20171028025052/pdf_450.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. Entrevista inédita de Paulo Freire [Entrevista concedida à jornalista Marta Luz]. Juazeiro Panorama Bahia: Rádio Juazeiro, 24 abr. 1983. Programa de Rádio.

IBARRA, Maria Cristina. Um tipo de Design Anthropology sentipensante? Medium, 15 nov. 2020. Disponível em: <https://cris-ibarra.medium.com/um-tipo-de-design-anthropology-na-col%C3%B4mbia-sentipensante-c83fc24474c7>. Acesso em: 7 maio 2025.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Educação, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOWDERMILK, Travis. Design centrado no usuário. São Paulo: Novatec, 2013.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, p. e329402, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

TUNSTALL, Elizabeth Dori. Decolonizing Design: A Cultural Justice Guidebook. Cambridge: The MIT Press, 2023.

VAN AMSTEL, Frederick M. C. Computador como Teatro do Oprimido. Blog Usabilidoido, 2020. Acessado em 27/08/2025. Disponível em: <http://www.usabilidoido.com.br/computador_como_teatro_do_oprimido.html>. Acesso em: 18 jul 2025.